

Shoah

Acácio Augusto

(Apresentado em *Os campos de concentração de outrora...* Nu-Sol, Auditório da Biblioteca Nadir Kfhoury, PUC-SP, 15 de abril de 2013)

O termo literatura de testemunho passa ser utilizado como maneira de caracterizar um certo gênero literário após a II Guerra Mundial. Num sentido bastante simples é uma maneira de designar uma relação entre a escrita, violência (como experiência traumática) e a cultura. Firmou-se, assim, como gênero da crítica literária e da história cultural. Muitos críticos e historiadores, hoje, se referenciam em análises de Giorgio Agamben articuladas com outras referências para agregar a noção de biopolítica de Michel Foucault, conferindo-lhe uma intelecção diversa da cunhada pelo filósofo francês.

Outros autores e referências colaboram e figuram nesses estudos. Zigmunt Bauman é o mais próximo das análises de Freud. Em seu livro *Modernidade e holocausto*, escrito após sua mulher, Janina Bauman, se retirar por dois anos para escrever o seu testemunho dos campos, o autor polonês refaz a tese freudiana de mal-estar da civilização, como mal-estar da pós-modernidade produzido pela experiência dos campos; Todorov em seu livro *Em Face do extremo*, pergunta-se sobre um herói entre os poloneses e a possibilidade de julgamento das ações de sobreviventes e

colaboradores do regime. Os relatos de sobreviventes que Todorov analisa por meio da literatura de testemunho, explicitam para ele, o fato de que é difícil julgar as pessoas *em face do extremo*, diante de situações que testam e ultrapassam o limite extremo de sua humanidade. Neste sentido, defende que um homem só pode ser humano quando vive em condições humanas, e que não há absurdo maior do que o de julgá-lo por ações que comete em condições desumanas.

No Brasil os estudos de história e literatura sobre esse tema podem ser encontrados no Instituto de Estudos da Linguagem na Unicamp, realizado pelo professor Márcio Seligmann-Silva; no Departamento de Literatura da USP, por meio da professora Valeria de Marco; no "Grupo Interdisciplinar de Estudos Judaicos", coordenado pela Professora Lyslei Nascimento (UFMG) e o grupo de pesquisa "Cinema e Holocausto", coordenado pelo professor Luiz Nazário (UFMG). A professora Caterina Koltai, também dedicou, há alguns anos, artigos e cursos na graduação e pós-graduação da PUC-SP sobre o tema e outros desdobramentos.

Indico, sumariamente, esse referencial porque gostaria de apresentar algumas considerações sobre a literatura de Primo Levi de numa chave um tanto diversa do que se nomeia como literatura de testemunho ou escrito com "teor testemunhal".

Escritos produzidos no interior da prisão não são uma exclusividade de quem sobreviveu aos campos. Há, no século XIX, desde as cartas de Bakunin, escritas na prisão czaristas de Pedro e

Paulo, passando pelo escrito de Kropotkin, *As prisões na França e na Inglaterra*, e entre os escritos menos conhecidos até alguns romances de Dostoievski. Durante o fascismo italiano, há o famoso, *Memórias do cárcere*, de Antonio Gramsci. No que se refere aos campos de concentração e extermínio há um livro, quase desconhecido, do anarquista espanhol Diego Giménez Moreno, integrante das juventudes libertárias durante a Revolução espanhola, que refugiou-se no Brasil após conseguir fugir dos campos do generalíssimo Franco, onde escreveu *Mauthausen: campo de concentração e extermínio* (1975). A este pode se somar, também, os escritos encontrados no jornal anarquista *A Plebe*, e outros, sobre o campo de concentração de Clevelandia do Norte, insaturado no Brasil durante do estado de sítio de Arthur Bernardes, em 1927, muito antes dos campos europeus, para aprisionar loucos, delinqüentes e anarquistas, com uma “barreira natural” oferecida pelos perigos e doenças da floresta amazônica.

O que coloca essa literatura de testemunho ligada especificamente aos campos de concentração? Em poucas palavras seria a própria experiência dos campos como marca do esgotamento do humano, de esgarçamento mesmo dessa noção moderna de Homem. Não é coincidência que o primeiro livro de Primo Levi tem seu título em forma de pergunta: *É isto um homem?*. Ela foi direcionada tanto à humanidade dos soldados da SS, quanto à destruição do estatuto de humano dos sujeitos reduzidos a nada nos campos.

Os campos (ou os Lager, armazéns) para Levi produzem uma implosão em toda forma de classificação ou separação valorativa do homem. “Resulta claro que entre os homens existem duas categorias, particularmente bem definidas: a dos que se salvam e a dos que afundam. Outros pares de contrários (os bons e os maus, os sábios e os tolos, os covardes e os valentes, os azarados e os afortunados) são bem menos definidos, parecem menos congênitos e, principalmente, admitem gradações intermediárias mais numerosas e complexas. (...) Aqui a luta pela sobrevivência é sem remissão, porque cada qual está só, desesperadamente, cruelmente só. Se um Null Achtzehn [zero-dezoito] vacila, não encontrará quem lhe dê uma ajuda, e sim quem o derrube de uma vez, porque ninguém tem interesse em que um ‘mulçumano’ [Muselmann] a mais se arraste a cada dia até o trabalho; e se alguém, por milagre de sobre-humana paciência e astúcia, encontrar um novo jeito de escapar ao trabalho mais pesado, uma nova arte que lhe propicie uns gramas de pão a mais, procurará guardar seu segredo, e por isso será apreciado e respeitado, e disso tirará uma própria, exclusiva, pessoal vantagem; ficará mais forte, e portanto será temido, e quem é temido é, só por isso, candidato à sobrevivência” (Levi, 1988: 89).

Os deslocamentos que sugiro como forma diversa da análise que opera pela caracterização desses escritos como literatura de testemunho vai em direção de tomar esses relatos em sua crueza, em sua aridez que informa os funcionamentos dos campos, sua tecnologia e racionalidade específicas, e sua singular produção: o

mulçumano, esse resto dos campos que eram assim chamados pelos veteranos para designar os fracos, os ineptos, os destinados à seleção (ver Idem: Idem). Afora isso, a discussão sobre a condição humana, o estatuto do homem, os crimes contra a humanidade e suas derivações, em quase 60 anos apenas produziram novos direitos, outros tribunais e mais prisões e campos em nome dos outros e de outros valores.

Entendo por tomar esses relatos em sua crueza, lê-los como um conjunto de informações sobre as tecnologias que se aguçaram e/ou se esgotaram na experiência dos campos para verificação histórica de suas marcas e seus resíduos no presente. O que ficou dos campos nas atuais tecnologias de governo?

Tomando Foucault e sua noção de biopolítica desanuviada da fumaça de comentadores, cabe lembrar que “não se trata de negar a importância das instituições na organização das relações de poder. Mas de sugerir que é necessário, antes, analisar as instituições a partir das relações de poder, e não o inverso; e que o ponto de apoio fundamental destas, mesmo que elas incorporem e se cristalizem numa instituição, deve ser buscada aquém” (Foucault, 1995: 245). Nesse sentido, os campos foram uma instituição possível, num determinado momento histórico, que não prescinde de procedências em outras práticas e saberes e produz, também, sujeitos específicos. Nos escritos de Levi trata-se da testemunha, do SS (ou como aparece no documentário o untherfürher) e do mulçumano.

No que diz respeito às relações ou implicações de um biopoder ou uma biopolítica com o nazismo, Foucault é suficientemente claro ao mostrar, em curso de 1975-76, que a norma ao articular tanto do disciplinamento do corpo individual, quanto a regulação do corpo da população, encontra no racismo seu corte de morte. Considerando que “a especificidade do racismo moderno, o que faz sua especificidade, não está ligado a mentalidades, a ideologias, a mentiras do poder. Está ligado à técnica do poder, à tecnologia do poder” (Foucault, 2002: 309). Nesse sentido, a experiência dos campos não diz respeito apenas aos judeus, tampouco, por isso, trata-se de um problema da humanidade ou traço bárbaro da cultura, ele é um problema dos que resistem às tecnologias do poder, ontem e hoje. “Afinal, de contas, o nazismo é, de fato, o desenvolvimento até o paroxismo dos mecanismos de poder novos que haviam sido introduzidos desde o século XVIII” (Idem: Idem). Tomados por essa chave de análise, os escritos de Levi não interessam como o testemunhal político de um julgamento justo, tampouco à memória traumática de uma cultura doente.

Neles encontramos um possível histórico que nos alerta para o presente, já que como ele mesmo disse: se aconteceu uma vez, pode acontecer novamente. Como sabemos que a história não se repete, fiquemos atentos ao ricocheteio de seu retorno e capacidade que esses escritos possuem em produzir a vergonha como repulsa. Como nesta passagem: “Aos pés da forca, os SS nos olham passar, indiferentes. A sua obra foi concluída, e bem concluída. Os russos já

podem vir: já não há homens fortes entre nós, o último pende por cima de nossas cabeças e, para os outros, poucas laçadas de corda bastaram. Os russos podem vir: só encontrarão a nós, domados, apagados, já merecedores da morte inerte que nos espera. Destruir o homem é difícil, quase tanto como criá-lo: custou, levou tempo, mas vocês, alemães, conseguiram. Aqui estamos, dóceis sob o seu olhar; de nós, vocês não tem mais nada a temer. Nem atos de revolta, nem palavras de desafio, nem um olhar de julgamento” (Levi, 1988: 152).

Nesse relato, às vésperas de ser libertado e transferido para um campo de refugiado russo, Levi encontra lá um grego que lhe dá lições de sobrevivência, como por exemplo, se ocupar primeiro dos sapatos e depois da comida, pois sem o primeiro não se pode buscar o segundo. Lições que Levi interrompe dizendo que não valia mais nada, pois a guerra havia acabado. Interrupção a qual o grego responde: “guerra não termina nunca, continua para sempre”.

Levi é um judeu italiano de origem sefaradista que sobreviveu a 1 ano em Auschwitz III, no campo de trabalho forçado de Birkenau. Sobreviveu por servir como farmacêutico do campo, pois era formado em química. Diz ele que sobreviveu por *fortuna* (sorte, na compreensão dos italianos) e morreu (dizem que se matou) em condições não esclarecidas após a queda no vão da escada de seu apartamento em Turin, onde viveu com mulher e filha até 1987. Ano que foi indicado ao Nobel de literatura que foi entregue ao dissidente soviético Joseph Brodsky.